

Censura e recriação de imagens: Marco Antônio e a manutenção de sua representação como inimigo da *Res Publica*

Ana Teresa Marques Gonçalves¹
Rodrigo Santos Monteiro Oliveira²

RESUMO:

Os documentos apresentam ao historiador possibilidades do que foi o passado. Somos direcionados pelo olhar daqueles que se disponibilizaram a retratar seu próprio tempo e pelas fontes documentais que “sobreviveram” (com algumas peças faltando) aos muitos anos de existência. Por isso, a missão do historiador que se propõe a pesquisar Roma Antiga se torna mais árdua, pois a distância temporal é bem maior. Mesmo assim, apresentamos neste trabalho uma possível releitura da imagem de um dos personagens mais controversos da história romana do final da República: Marco Antônio. Nossa intenção é perceber o porquê sua imagem foi perpassada ao longo dos anos de maneira negativa e, também, qual a contribuição de tal construção de memória para a valorização da imagem de Otávio Augusto.

Palavras-chave: Marco Antônio – Memória – Representação - Censura.

ABSTRACT:

Censure and reimagining: Mark Anthony and the maintenance of his representation as enemy of *Res Publica*

The documents show to historical researcher possibilities of what was the past. We are taken by the point of view of those who described their own time and by the documents that “survived” (with some missing pieces) for many years of existence. For that reason, the mission of a historical researcher who research Ancient Rome it’s very hard, because the temporal distance it’s bigger. Even so, we show on this paper a possible reading of a very controversial character of republican roman history: Mark Anthony. Our intention is realize why his image was pervades of many years in a so negative way and, also, how was the contribution of this memory construction for the valorization of Octavio Augustus image.

Key words: Mark Anthony – Memory – Representation – Censure.

¹ Professora Associada de História Antiga e Medieval na UFG. Doutora em História pela USP. Bolsista Produtividade II do CNPq.

² Mestre em História Antiga junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFG.

Escrever é fixar memórias. Apesar de a sociedade romana ter se caracterizado pela oralidade, ou seja, pela prática da *recitatio* das obras produzidas, o ato da escrita, de certa forma, complementava a divulgação oral da produção literária. A confecção de rolos e, posteriormente, de códices se convertia em suporte mnemônico, visto que auxiliava na ação de decorar a produção intelectual, possibilitava a reprodução da obra, fazendo-a circular nos estratos sociais aos quais se dirigia com mais facilidade, e permitia sua introyeção na memória romana, ao poder ser consultada, normalmente no espaço das bibliotecas públicas e/ou privadas, para a realização de futuras *recitationes* ou para integrar o *corpus* documental de uma obra recém produzida. Integrar passado, presente e futuro em seus relatos era tarefa dos escritores no mundo antigo. Independente do gênero eleito para a produção dos relatos, a pertinência da obra era garantida pela sua inclusão na chamada tradição romana, isto é, pela geração de narrativas guiadas por cânones estabelecidos por autores anteriores.

Emular o que afirmaram os precedentes era garantia de excelência no ato da produção escrita. Assim, literatura no mundo romano pode ser entendida como fruto da ação de reproduzir graficamente conteúdos capazes de serem corrompidos pela seleção da memória. Escrever é tentar não esquecer, é permitir a retomada de certos pensamentos que o tempo poderia destruir e/ou alterar. Como nos lembra Catherine Darbo-Peschanski, citar ou referenciar um autor anterior se constituía numa espécie de discurso retomado, reconstruído; mais que um enunciado repetido seria uma enunciação reproduzida; mais que uma simples menção, seria uma escolha, uma seleção de quem e do que citar, garantindo à citação funções retóricas, poéticas e pragmáticas na produção dos discursos (Darbo-Peschanski, 2004, p.9-21). O próprio termo latino para a recitação (*re - citatio*) indica a possibilidade de citar mais uma vez, de retomar certos conteúdos, de usar a performance do orador para revisitar alguns temas relevantes para o auditório. Deste modo, o espaço social ocupado pelo ato da escrita convertia-se na contraface do ato de divulgar a produção de ideias por intermédio de suportes variados. Tanto os grafitos parietais quanto as inscrições epigráficas oficiais e a elaboração de poesias, manuais, histórias, biografias, entre outras formas/gêneros de escrita, permitiam a expressão do imaginário romano, que se dava por meio da elaboração de representações e imagens.

Para Ruth Webb, no livro *Ekphrasis, Imagination and Persuasion in Ancient Rhetorical Theory and Practice*, Quintiliano em seus tratados sobre oratória e retórica já afirmava a importância dos oradores e dos escritores lidarem com a *enargeia* ou *evidentia*, isto é, a qualidade da linguagem que apelava para a imaginação da audiência. Seja lendo ou ouvindo um relato, o receptor reproduz em sua mente, usando sua imaginação e seu conhecimento, o que lhe é relatado. Ao captar a atenção do receptor, o autor consegue ser mais facilmente compreendido

e memorável, pois soube articular em seu discurso imagens mentais (*phantasiai*) capazes de informar e representar o conteúdo expresso (Webb, 2009, p.87-90).

Michel Vovelle nos lembra que a imagem, no sentido mais amplo do termo, transmite um testemunho privilegiado, tanto direto quanto oblíquo, massificado ou único. Muito mais do que uma ilustração, acompanhando e comentando, a imagem se tornou parte integrante da elaboração de um discurso, que não pode prescindir dela (Vovelle, 1997, p.31). Sobre a produção de imagens e representações, gostaríamos de relembrar as posições de François Laplantine e Liane Trindade. Para eles, a imagem de uma pessoa nunca corresponde efetivamente ao que ela é em si. Isto porque atribuem-se a esta pessoa qualidades físicas ou morais que, embora ela possa em parte possuir, são aumentadas ou denegridas, mutáveis, transformadas e plenas de significados que lhe são fornecidos no percurso das lembranças estabelecidas. O imaginário, como mobilizador e evocador de imagens, utiliza o simbólico para se exprimir e existir e, por sua vez, o simbólico pressupõe a capacidade imaginária. A imagem é formada sempre a partir de um apoio real na percepção, por isso o imaginário faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida. Mas o imaginário reconstrói e/ou transforma este real: pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens. Desta forma, o imaginário não é a negação do real, mas, ao contrário, apóia-se nele para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações. Assim, nas representações encontram-se componentes que possibilitam aos homens a identificação e a percepção do universo real que está sendo representado nas imagens. Existe, portanto, uma lógica interna nas vias do imaginário, na construção de suas organizações e discursos e no confronto histórico de suas crenças (Laplantine; Trindade, 1997, p.10-36).

Escrever é também criar e provocar imagens e representações, que podem se manter atuantes pela força da tradição. Segundo Matthew Fox, no mundo romano, qualquer escrito deve ser analisado a partir das relações implementadas entre retórica, literatura e poder. Os autores comumente encontravam-se no meio de um conflito entre aspirações retóricas, motivações pessoais e necessidades impostas pelos desdobramentos da vida política (Fox, 2010, p.375). E as palavras do poder não circulam como as outras. Elas necessitam de uma comunicação calculada; procuram efeitos precisos; não desvendam senão uma parte da realidade, pois o poder também deve sua existência à apropriação da informação, dos conhecimentos exigidos para governar, administrar, e para exercer seu domínio (Balandier, 1980, p.13).

Dieter Timpe ressalta que *Memoria* em latim pode significar memória, tradição e historiografia, tendo a ver com preservação, adequação e adaptação. Memória se conecta com

suportes materiais e com superestruturas simbólicas, forjados na junção da natureza individual com as associações sociais (Timpe, 2011, p.150-151). A maioria absoluta dos autores romanos pertencia à elite política, econômica e cultural republicana e imperial ou foi patrocinada por membros das ordens senatorial e equestre. Desta maneira, havia muito a perder com a expressão sincera de seus pontos de vista se os mesmos não fossem compartilhados pelos membros dos grupos políticos hegemônicos. Jeanne Marie Gagnebin afirma que as inscrições funerárias confirmam “quão inseparáveis são memória, escrita e morte” (Gagnebin, 20006, p.45). Tal afirmação ganha novo sentido fora do âmbito funerário ao lembrarmos os autores que perderam a vida ao expressarem ideias que foram interpretadas como contrárias ao interesse dos Imperadores.

Catherine Salles, no livro *Lire à Rome*, indica um rol de escritores que sofreram penas de exílio ou morte devido aos seus escritos. Apresenta a *lex maiestatis* e sua utilização pelos primeiros Imperadores para favorecer ou desencorajar a atividade intelectual. Trabalhando principalmente com as obras de Tácito e Suetônio, cita vários exemplos de escritores, poetas, historiadores e filósofos que foram perseguidos, tiveram suas obras recolhidas e/ou queimadas e acabaram mortos pela expressão de suas ideias em *famosi libelli*. Todavia, a autora enfatiza que tais práticas não podem ser qualificadas com o moderno termo censura, pois o controle imperial se exercia sem um aparato constante. O recolhimento de certas obras e o ataque a certos autores se dava na arena política, quando incidiam em momentos precisos sobre a frágil legitimidade do Príncipe (Salles, 2008, p.57-75). O aparecimento de obras criticando Imperadores já mortos, que não tinham deixado herdeiros fortes, indicaria que a obliteração de certos escritos e autores era fruto da necessidade de manutenção da autoridade do governante vigente mais do que da preocupação com a sua memória vindoura. Portanto, se havia atos censórios, estes se davam no calor das batalhas pelo poder.

Neste mesmo sentido, temos a obra de Luis Gil, *Censura en el Mundo Antigo*, na qual o autor discrimina inúmeros casos de queimas públicas de livros, retiradas de obras das bibliotecas, expulsão e morte de escritores, durante todo o Principado, identificando estas práticas como uma “censura à moda antiga”, mas percebendo que diversos libelos contra a ação dos governantes circulavam em audiências privadas, permaneciam em coletâneas guardadas pelos aristocratas em suas *domus* e fomentavam os rumores da população romana (Gil, 1985, p.197-208). Quando um livro era removido de uma biblioteca pública, muitas vezes o autor havia caído em desgraça, mas os seus outros exemplares continuavam circulando em mãos de particulares, por exemplo (Starr, 1987, p.219).

Compartilhamos, assim, a opinião de Moses I. Finley, expressa em seu artigo *La Censure dans l'Antiquité*, de que não havia no mundo antigo uma censura realizada nos moldes

modernos. É evidente que o governo se defendia de ataques internos e externos, feitos pelas armas ou pelas palavras. Os Imperadores romanos, sem dispor dos modernos recursos da polícia e dos serviços secretos, não tinham a menor condição de encontrar e destruir todas as cópias de um manuscrito proibido. Várias obras reconhecidamente provocaram o desagrado imperial, mas mesmo assim sobreviveram. A verdade não fazia muita diferença desde que as palavras e as idéias ofensivas não fossem alardeadas em público e nos lugares errados, pelas pessoas erradas, dirigidas às pessoas erradas. Podia-se falar livremente sobre os Imperadores falecidos, desde que não se violasse a regra que proibia ridicularizar os vivos, pois tal fato não colocava em perigo a obra do autor, mas a vida do mesmo, o que fomentava a autocensura na produção das narrativas (Finley, 1980, p.3-20).

Deste modo, o próprio termo censura advém da atuação de um dos magistrados romanos republicanos, o Censor. Em pleno funcionamento do *cursus honorum* republicano, dois cidadãos romanos eram eleitos na Assembleia Centuriata de 5 em 5 anos, para um mandato de 18 meses, durante o qual deveriam proceder ao censo dos cidadãos, indicando seus bens e sua possibilidade de atuarem no exército (por isso eram eleitos na *Comitia* formada pelas Centúrias militares), proceder aos leilões de escravos e terras públicas advindos da expansão territorial pelas auréolas do Mar Mediterrâneo, e produzir o *album senatorium*, um catálogo com o nome de todos os senadores vivos e em atuação no Senado. Como tratava-se de cargo vitalício, tornava-se necessário recadastrá-los, ou seja, reinscrevê-los de 5 em 5 anos na lista de senadores, para verificar o número de vagas a serem preenchidas (na maior parte das vezes devido à morte de seus ocupantes) e o caráter moral dos mesmos no exercício de sua função pública. Esta última atribuição, de negar a inscrição no *album* a senadores que haviam conspurcado a moral ou que tiveram descendentes que haviam ferido o *mos maiorum*, o costume dos ancestrais, é que aproximou o cargo de Censor da atribuição moderna dada à ação de censura, de efetivação de julgamentos morais e da restrição de alguns comportamentos. Como *Pater Patriae* e *Princeps*, o Imperador passou a exercer muitas das funções dos Censores republicanos, inclusive a de velar pelo *mos maiorum*.

Assim, o ato da escrita era limitado por fatores internos e externos. Dever-se-ia seguir os cânones do gênero escolhido, atentar-se para os interesses individuais e grupais que definiam uma espécie de autocensura na composição do relato, vincular-se ou não a um patrocínio senatorial e/ou imperial, emular outros autores, selecionar artifícios retóricos e temáticas relevantes, enfim proceder à narrativa com o engenho e o talento possíveis. Entre finalidades e costumes, entre disposições e possibilidades, o autor tinha que se desprender de amarras múltiplas e se ater a tantas outras na elaboração de sua obra.

Alain M. Gowing, no livro *Empire and Memory*, enfatiza que memórias poderiam ser perigosas numa forma de governo na qual um poder iminente autocrático deveria se afastar de qualquer referência monárquica. “A habilidade no controle e na supressão de memórias tornou-se um crucial componente da autoridade política” (Gowing, 2005, p.2). Por isso, algumas imagens acabaram fixadas no imaginário político romano. Neste texto, atemo-nos à construção e reconstrução da imagem histórica de Marco Antônio. Sabemos que seu duplo foi a construção e reconstrução da imagem histórica de Otávio Augusto, que complementava e diferenciava a partir de certos parâmetros narrativos. O reconstrutor da República tinha como outra face da moeda o beberrão libidinoso e orientalizante. Fruto de lutas políticas fratricidas implementadas no final da República, com a constituição dos Triunviratos, estas imagens se mantiveram vívidas na memória romana, devido à sua reprodução em diversos suportes. Indubitavelmente, os famosos discursos proferidos por Marco Túlio Cícero no Senado, acusando Marco Antônio de ter se afastado do *mos maiorum* e de colocar a *Res Publica* em perigo, indicando-o como inimigo da mesma, conhecidos como *As Filípicas* de Cícero (na busca de emular os discursos de Demóstenes contrários a Felipe da Macedônia), cunharam uma imagem bastante negativa de Antônio entre seus contemporâneos e os pósteros. Neste trabalho, debruçamo-nos não sobre a obra ciceroniana, já tantas vezes analisada, mas sobre os autores que produziram seus discursos durante o Principado e que reproduziram e mantiveram vívida uma imagem bastante negativa das ações e dos feitos de Marco Antônio.

Integrante do segundo Triunvirato, composto também por Otávio e Lépido, Antônio nos é apresentado pelos documentos como “inimigo público”, ou seja, como aquele que não correspondeu aos interesses do povo e do Senado, quebrando com as tradições e ameaçando a paz e a estabilidade, pois feriu o *mos maiorum* romano ao se aliar a Cleópatra e a um modo de vida desregrado e orientalizante. Sua trajetória, da ascensão na vida política e militar até o declínio e o suicídio sem muita honra, é contada pela documentação de diferentes datações. Porém, todas as referências à sua vida tendem a concordar em um ponto específico: o mal que Marco Antônio representou para a *Res Publica*. Sendo assim, neste trabalho analisamos documentações textuais diversas, cujas datações se estendem do I (no caso de Veléio Patérculo e sua *História Romana*) ao III século d.C. (Dion Cássio e sua obra também intitulada *História Romana*).

O contexto em que Antônio e Otávio nasceram e/ou foram formados politicamente foi marcado pela ocorrência de grandes perturbações na ordem política, que ocasionaram e foram ocasionadas pela eclosão das Guerras Civis. O momento era de aliança entre outros três homens, de igual importância para a *Res Publica*, no intuito de estabilizar a desordem na qual se encontravam. Referimo-nos a Pompeu, Crasso e Júlio César, que formaram o primeiro

Triunvirato. Todavia, o objetivo de restaurar a paz logo foi suprimido pelas vontades e desejos pessoais de cada um. Pompeu e Júlio César desempenharam, neste momento, um confronto no qual cada um lutava pelos seus interesses ao defender que seriam melhores líderes para uma Roma abalada e instável devido às dificuldades geradas pela necessidade de governar e manter o domínio sobre o território conquistado em torno do Mar Mediterrâneo.

Pompeu, grande líder militar e reconhecidamente um homem político de muita importância, ligado ao grupo dos *optimates*, defendia uma manutenção dos órgãos políticos e das leis que já existiam, pois acreditava que os conflitos eclodiam devido às mudanças que os romanos tentavam engendrar em seus costumes e vida. Para ele, deveriam ser impedidas as mudanças das instituições governamentais, a perda das tradições que regiam o *mos maiorum* e a ascensão ao poder de “homens novos”, isto é, políticos oriundos de famílias fora dos círculos tradicionais (famílias não patrícias). Por outro lado, Júlio César ganhava cada vez mais respeito e admiração perante as camadas mais humildes da população. Sua política de restauração da *Res Publica* baseava-se em expandir o território romano e, com isso, trazer conquistas e glória militar. Sua grande conquista territorial foi a anexação da Gália e, ao atravessar o rio Reno, reestabeleceu as fronteiras, impedindo o avanço dos germanos³. Mesmo assim, sua impopularidade entre os seus pares crescia. A tensão entre ele e os componentes do Senado, mais conservadores, dava a Pompeu uma certa vantagem.

Após a morte de Crasso em 53 a.C., durante a desastrosa campanha na Pártia, e a de Júlia, filha de Júlio César e esposa de Pompeu, nada mais unia os dois Triúnviros. A travessia do Rubicão empreendida por César em 49 a.C., a contragosto do Senado, foi o estopim de todo o conflito, sendo a sorte lançada⁴ para ambos. O confronto direto começou em 49 a.C. O Senado, liderado por Catão⁵, ordenou o regresso de César no intuito de lhe tirar todas as honrarias e magistraturas. Em desobediência, César atravessou o Rubicão, ao norte da Península Itálica, expandindo os limites territoriais romanos. Os *optimates* convenceram Pompeu da afronta que tal atitude de César teria sido à *Res Publica* e, agora aliados, marcham contra o inimigo. Depois de alguns confrontos⁶, César termina vitorioso retornando a Roma e adquirindo o cargo de Ditador⁷, estabelecendo, importante salientar, uma aliança com Marco Antônio.

³ Ameaça aos romanos provenientes do noroeste da Península Itálica.

⁴ Referenciando-nos à célebre frase dita por César na ocasião: *alea jacta est* ("a sorte está lançada").

⁵ Roma, 95 a.C. - Útica, 46 a.C. Importante político romano conhecido por sua inflexibilidade quanto à manutenção da moral romana. Adepto da filosofia estoica e contrário a César.

⁶ A Batalha de Durráquio deu-se em 10 de julho de 48 a.C.; a Batalha de Farsalos foi travada na Grécia a 9 de agosto de 48 a.C.

⁷ Uma magistratura; o Ditador era nomeado pelos Cônsules do ano, autorizados para tal por um *senatus consultum* emitido pelo Senado romano em circunstâncias de crise militar e/ou econômica. O cargo era o único posto da hierarquia política da República que não obedecia aos princípios de colegialidade e responsabilidade. Tinha a durabilidade de seis meses, posteriormente sendo estendido até um ano.

Depois de algumas medidas aceitas pelo Senado, mas que feriam a tradição política romana, como a Ditadura vitalícia, César foi assassinado antes de uma reunião com os senadores, nos Idos de Março, em 44 a.C. Alguns senadores, liderados por Marco Júnio Bruto e Caio Longino Cássio, protegidos do próprio César, se uniram e o assassinaram. Dessa maneira, mais conflitos surgiram mantendo Roma como um palco de lutas entre generais com poderes bélicos e políticos equivalentes. Marco Antônio, nascido em 83 a.C., se valia do sucesso familiar para manter e legitimar seu poder perante a camada aristocrática romana. Nas palavras de Adrian Goldsworthy:

Desde o início, Antônio esteve cercado por uma alta expectativa de conquistas das gerações passadas. Roma era o mais forte Estado no mundo e era liderada por uma liderança aristocrática. Ser nascido em uma família senatorial fazia de uma criança importante, particularmente se essa família estiver no centro da vida pública [...]. Antônio nunca duvidou que ter nascido de seus pais significasse que ele seria um dos mais valorosos homens de sua geração. Ele nasceu para a glória. (Goldsworthy, 2010, p.93-94)

Seu avô, também chamado Marco Antônio, foi reconhecidamente um bom líder romano (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, I). Grande orador, obteve importantes conquistas militares, sendo a campanha contra a pirataria na região da Sicília um marco em suas vitórias, já que foi digna de receber o triunfo em Roma. Sendo assim, em 102 a.C., se tornou o Governador da província da Sicília e iniciou um processo de obtenção de diversas magistraturas: Cônsul em 99 a.C. e Censor em 97 a.C. Já o pai de Antônio não teve tal reconhecimento. Pertencente ao Senado de Sula⁸, não foi um grande líder militar nem um bom orador. Sua campanha contra a pirataria em Creta, em 72 a.C., não foi bem sucedida e, para completar, não teve voz perante o Senado. Pela derrota em Creta, o pai de Antônio ficou conhecido como *Creticus*⁹, nome que o lembrava constantemente de seu infortúnio. Em uma de suas batalhas contra a pirataria acabou morto, deixando Marco Antônio e sua mãe, Júlia (advinda de uma família importante e prima de Júlio César), desamparados.

Aos 11 anos, Marco Antônio perdeu seu pai, porém rapidamente ganhou um padrasto, Públio Cornélio L. Sura (Cônsul em 71 a.C.). A partir dessa nova aliança, Marco Antônio

⁸ Ditador opositor a Mário (mandante do assassinato do avô de Marco Antônio), o que gerou guerras civis.

⁹ “Os romanos chamaram-no, sarcasticamente, de *Creticus* – comandantes bem sucedidos recebiam com frequência um nome para comemorar a vitória sobre o povo que derrotaram ou do território que conquistaram” (Goldsworthy, 2010, p.73), o que não foi bem o caso.

conseguiu apoio para continuar sua educação, tendo contato com a vida política. Teve um rigoroso treinamento físico, associando sua família a Hércules como um ancestral¹⁰:

Agradava-lhe (a Marco Antônio) que o comparassem com Hércules: a barba bem formada, o peitoral amplo e o nariz curvo lhe outorgavam um aspecto forte, viril, tal como a gente conhece pelas pinturas de Hércules, cujas imagens se assemelhavam (Zanker, 2005, p.67-68).

A juventude de Antônio foi um momento conturbado e do qual não temos muitas informações. Sabemos de sua amizade com Caio Scribonius Cúrio, que o introduziu em uma vida desregrada com bebidas, mulheres e excessos:

Tornando-se Antônio um belo rapaz, na flor da idade, travou relações com Cúrio; ao que se diz esta amizade e conhecimento foi uma calamidade, pois era ele um homem perdido e viciado em tudo o que há de mais torpe, e para ter Antônio ao seu dispor, levou-o a fazer grandes despesas com mulheres, dando banquetes e festas, de modo que em pouco tempo ele ficou endividado; tão grande era a quantia que dificilmente ele poderia pagá-la, demasiado grande para sua idade, isto é, duzentos e cinqüenta talentos; o mesmo Cúrio era o causador dessa dívida, e por isso seu pai, vindo a sabê-lo, afastou Antônio de junto dele e proibiu-lhe entrar em sua casa. Foi então ele buscar a companhia de Clódio, o mais temerário e o pior dos homens que então se davam ao governo das coisas públicas e por algum tempo participou da sua temeridade, que punha em grande sobressalto toda a cidade de Roma; mas afastou-se dele bem depressa, pois cansou-se e se aborreceu com o seu furor e também porque começou a temer o poder dos que estavam contra ele (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, II).

Por ter feito grandes dívidas em Roma, devido ao seu estilo de vida extravagante, que os amigos o ensinaram a ter, Antônio partiu para a Grécia, dando continuidade à sua educação. Durante este tempo, entre os 20 e os 26 anos, Marco Antônio se acostumou ao estilo de vida oriental:

Partiu então da Itália e foi à Grécia, onde passou o tempo em exercícios militares e no estudo da eloquência. Usava da maneira de falar que se denomina asiática, a qual florescia e estava em grande voga naquele tempo, e tinha também grande conformidade com seus costumes, e sua maneira de viver que era vaidosa, cheia de fanfarronice e de ambição desigual e pouco comunicativa (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, III).

¹⁰ Disto já se falava desde a Antiguidade, isto é, que a família dos Antônio descendia de um Anton, filho de Hércules, do qual ele conservava o porte e o nome; esta opinião Marco Antônio procurava confirmar não somente pela figura e pela forma natural do seu corpo, mas também pela maneira de se adereçar e de se vestir (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, V).

Aos 26 anos de idade, Antônio ainda não tinha tomado posse de nenhum cargo político e não havia participado de nenhum embate militar. Isto era incomum, pois os jovens iniciavam suas carreiras cedo a fim de estabelecer sua posição perante os demais. Acostumado com a vida que levava em solo grego, Antônio foi apenas ter sua primeira experiência militar em 57 a.C., quando Gabínio, Cônsul que marchava em direção à Síria e depois ao Egito a pedido de Ptolomeu, convidou-o a se juntar a ele nesta jornada. Antônio, acreditando que havia nascido para a grandeza, segundo a imagem delineada por Plutarco (*Vida de Marco Antônio, Vidas Paralelas*, III), não aceitou ser apenas um soldado comum e, por isso Gabínio lhe concedeu o comando da cavalaria. Plutarco mostra o papel de destaque que Antônio obteve durante estas excursões:

Antônio então para lá foi mandado, com a cavalaria, e não somente conquistou essa passagem, mas também tomou Pelúcio, que é uma cidade grande e poderosa, com todos os soldados que lá se encontravam. E, fazendo isso, tornou ao mesmo tempo fácil e seguro o caminho para o resto do exército e a esperança da vitória. Os mesmos inimigos, na cidade, gozavam da sua gentileza e bondade e do desejo que tinha ele de se ver honrado; pois, Ptolomeu incontinentemente ao entrar na cidade, pensou em passar à espada muitos dos egípcios que lá se encontravam, pelo grande ódio que nutria contra seus habitantes, mas Antônio a isso se opôs e não permitiu que ele o fizesse. Em todas as outras batalhas e escaramuças, que foram muitas, Antônio praticou muitos atos de bravura, próprios de um genial comandante; como quando ele cercou e rodeou por trás os inimigos, deu a vitória aos que combatiam de frente e por isso recebeu o prêmio e o estipêndio de honra, que era devido à sua virtude. Também tornou-se conhecida de todos a humanidade e a honestidade que ele usou para com Arquelau, pois tendo sido seu familiar e hóspede, ele lhe fez guerra, por coação de seu general, mas, depois de sua morte, fez procurar seu corpo e o honrou com pomposos funerais e obséquios dignos de um rei. Por estas e outras razões, ele deixou de si mesmo uma gloriosa lembrança em Alexandria, e foi julgado como uma pessoa muito gentil pelos romanos que estiveram nessa viagem. Tinha, além disso, uma dignidade liberal, apresentando todo seu aspecto exterior certa beleza de porte e de atitude, tinha a barba forte e espessa, a fronte larga, o nariz aquilino, e em seu rosto transparecia tal virilidade como a que se vê representada em medalhas e imagens pintadas e modeladas, como as de Hércules (Plutarco. *Vida de Marco Antônio, Vidas Paralelas*, IV-V).

Mesmo tendo obtido sucesso durante estas campanhas militares e, com isso, enriquecido, Antônio não voltou a Roma. Em 52 a.C., ele se juntou ao exército de Júlio César e não ao de Crasso, sucessor de Gabínio. Não se sabe ao certo como tal aproximação ocorreu, porém especulamos que ligações entre as famílias importantes eram comuns e, por isso a

aproximação de Antônio e César não seria algo inconcebível. Para manter Antônio por perto, César forneceu a ele uma assistência financeira, integrando-o ao Senado e garantido-lhe cargos, como Tribuno da Plebe e, mais tarde, ingressando-o em escolas sacerdotais. Depois disso, Antônio retornou a Roma e, aos 30 anos, ocupou outros cargos, como o de Questor. Desta maneira, Antônio se encontrava presente na capital para presenciar o conflito entre Júlio César e Pompeu. Baseado em toda a assistência que obteve, era óbvia a escolha que Antônio faria: ficaria do lado de César e, com isso, enfrentaria a ira do Senado mais conservador.

É importante salientarmos a aliança entre estes dois homens: César, um grande general em busca do apoio do Senado pela sua causa, poderia ter se aliado a qualquer um para defender seus propósitos. Ao invés disso, contribuiu para o desenvolvimento de Antônio, um homem cuja vida política e militar acabara de começar. Partindo do pressuposto de que César enfrentava um grande problema em Roma devido ao seu confronto com Pompeu e de que, por isso, deveria agir sabiamente até mesmo na escolha de seus aliados, podemos compreender que Marco Antônio possivelmente não seria o despreparado e desqualificado que as fontes insistem em nos mostrar. Algum valor ele tinha, mesmo que familiar, pois se assim não fosse não teria tido as oportunidades no exército de Gabínio e muito menos teria sido assistido por César.

As constantes batalhas políticas travadas pelos opositores de César e parte do Senado impossibilitavam uma estabilização da *Res Publica*. Antônio passava, então, a enfrentar boa parte dos senadores:

Os amigos de César, então, fizeram outras propostas e pedidos, que pareciam razoáveis e úteis, aos quais, porém, Catão se opôs; e Lêntulo, um dos Cônsules, fez Antônio sair à força do Senado. Contra ele dirigiu então o mesmo Antônio graves palavras de protesto e de crítica: depois vestiu a roupa de um escravo e correu a toda pressa para César, com Quinto Cássio, tomando uma carruagem. Apenas lá chegaram, puseram-se a gritar em altas vozes que em Roma tudo estava convulsionado, pois não era mais permitido aos Tribunos do povo falar livremente, pois eram expulsos com grande perigo de suas vidas aqueles que ousavam defender o direito e a equidade. Por isso, César lançou-se imediatamente contra a Itália com seu exército; diz Cícero em suas Filípicas que assim como Helena foi causa da guerra de Tróia, assim Antônio foi autor da guerra civil [...] (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, VIII).

Em um momento foi exigido que César se desfizesse de seu exército, porém Antônio e Cássio vetaram tal proposta, já que percebiam nela uma tentativa de enfraquecer César e, com isso, fortalecer Pompeu. A defesa que Antônio fazia a César era tão intensa que ele chegou a ser acusado pela agressividade contra Pompeu. Nos eventos já descritos, César tomou Roma de Pompeu e o expulsou da Península Itálica. Marco Antônio tornou-se, assim, um dos homens de

confiança de Júlio César, juntamente com Lépido e Dolabela. Ocupando tal lugar de prestígio, Antônio não mudou seu comportamento, continuando a seguir o estilo *flamboyant*¹¹ da vida oriental. Manteve uma relação conturbada com Fúlvia e, sem nenhuma discrição, desfilava pela cidade com suas amantes.

Não era nenhum segredo a desaprovação que Cícero fazia deste estilo de vida, o que irritou, e muito, Antônio. Enquanto ainda não havia ocupado nenhum cargo, Cícero acusava-o abertamente de lascivo e causador da Guerra Civil entre Pompeu e César. No momento em que Antônio começou a ocupar cargos de confiança, a partir de sua aliança com César, Cícero se viu ameaçado. Pediu exílio para fora da Itália, mas seu pedido não foi aceito e, além de tudo, foi acusado de corroborar com os interesses de Pompeu que, no caso, eram defendidos pelo seu filho Sexto Pompeu.

Cícero relata a resposta de Antônio ao seu pedido de exílio:

Seus planos são corretos. Para qualquer um que se interesse em continuar neutro em tais disputas, nunca deveria deixar sua terra natal, enquanto o homem que parte mostra tomar partido de um lado ou de outro. No entanto, não cabe a mim determinar quando alguém tem o direito legal de partir. A missão que César me deu foi de não permitir que ninguém saia da Itália. Realmente, não importa o que eu ache dos seus planos, desde que eu não estou permitido de deixar que parta. Penso que deves escrever diretamente a César pedindo sua permissão. Tenho certeza que será bem sucedido, especialmente assegurando sua amizade a nós (Cícero. *Cartas para Ático*, X, apud. GOLDSWORTHY, 2010).

A derrota de Pompeu provocou no Senado um grande temor, pois a maioria apoiava o adversário de César. Nesta batalha, não é claro o papel que Antônio desempenhou, porém sua importância é destacada por Plutarco que o mostra como comandante do flanco esquerdo, mesmo que não tenha exercido nenhum papel decisivo na batalha final. Ao chegar a Roma, o Senado, que antes estava contra César não demorou em lhe prestar lealdade, dando-lhe o cargo de Ditador pela segunda vez e estendendo a magistratura para um ano, ao invés dos seis meses habituais. Mesmo tendo sucesso militar, Antônio foi chamado por César para desempenhar cargos políticos na Itália. Mais uma vez, temos exemplificada a importância que Marco Antônio tinha frente a César.

Foi-lhe concedido o cargo de *Magister Equitum*, decisão que foi seguida por grande controvérsia, pois mesmo aos trinta e cinco anos, Antônio ainda era novo para ocupar tal cargo

¹¹ Árvore típica do Oriente Mediterrâneo, conhecida pela sua coloração e beleza. Devido a isto, é comparada a um estilo de vida dos que vivem apenas pelo prazer e se associam aos costumes orientais.

e, como agravante, não tinha ocupado magistraturas importantes, tendo sido apenas Questor e Tribuno. Este novo cargo dava a Antônio grande poder, o que também preocupava o Senado. César não se arriscaria por Antônio se este não tivesse demonstrado o mínimo de habilidade necessária para se manter na vida política. Ao que tudo indica, Marco Antônio era para César um de seus aliados mais prezados e, com isso, digno de desempenhar diversas magistraturas. Dessa maneira, trabalhamos com a hipótese de um mascaramento das qualidades de Antônio pelas fontes a fim de satisfazer as necessidades de outro líder romano, também protegido de César, Otávio, ou seja, uma manipulação das informações com o propósito de glorificar as ações do segundo e destacá-las pela comparação com as de um homem de igual reconhecimento.

Mesmo ocupante de um dos cargos de maior prestígio em Roma, Antônio não se desvinculou da companhia de atores e amantes. Apareceu em uma das Assembleias Populares bêbado e recebeu a desaprovação dos outros componentes, não sendo muito bem quisto por todos, pois, além disto, se projetava como merecedor de todas as glórias. Sobre suas bebedeiras, Veléio Patérculo destaca: “Lépido era o pior de todos os generais, Antônio era melhor que muitos quando estava sóbrio” (Veléio Patérculo. *História Romana, II*).

Durante as festas dos *Lupercalia*¹², Antônio desempenhou papel decisivo para a desaprovação referente à sua pessoa. De acordo com Plutarco:

Os romanos celebravam a festa e a solenidade a que chamam de Lupercália, e César, coberto com um manto triunfal, estava na tribuna, na qual se costumavam fazer os discursos ao povo, e de lá contemplava o movimento dos que corriam. Nesse dia, é costume que muitos jovens de famílias nobres e mesmo os que desempenham nesses anos os mais altos cargos da magistratura, corram nus, pela cidade, untados com azeite de oliva, e batam por brincadeira nos que encontram pelo caminho, com correias de couro branco que têm nas mãos. Antônio era um dos que devia correr. Deixou, porém, as antigas cerimônias e costumes daquela solenidade e sem mais correu para a tribuna onde César estava sentado, tendo nas mãos uma coroa de louros, em redor da qual estava presa uma faixa, a que chamam de diadema, e era antigamente o sinal dos reis. Chegou bem perto dele e se fez levantar por uns dos que com ele corriam e tentou por a coroa sobre a cabeça de César, querendo dizer que ele merecia ser rei. César fingindo não vê-lo voltou o rosto e com isso todo o povo se rejubilou e aplaudiu com muitas palmas. Antônio novamente tentou aproximá-la de sua cabeça e de novo César desviou-a, e assim estiveram alguns minutos em tentativas, um e outro; todas as vezes que Antônio tentava fazê-lo receber essa coroa de louros, um pequeno número de seus sequazes aplaudia, e todas as vezes que César a recusava, todo o povo unanimemente batia palmas. Era isto uma coisa realmente notável, que aqueles que tinham experimentado o que fazem os reis aos seus

¹² Comemorada no dia 15 de fevereiro, a festividade deveria garantir fertilidade e a purificação que Roma necessitava no fim do ano (março).

súditos detestavam e aborreciam o mesmo nome de rei como a abolição e a destruição de sua liberdade. Pelo que César, perturbado, levantou-se e descobrindo seu pescoço apresentou-o, dizendo alto que lhe cortassem a cabeça se quisessem. Esta coroa foi depois colocada sobre a cabeça de uma das estátuas de César, mas alguns tribunos do povo a arrancaram, e por isso o povo muito os louvou, e os acompanhou com grande séquito até suas casas, para lhes prestar uma homenagem, batendo, ao mesmo tempo, muitas palmas. César, porém, os destituiu do seu cargo (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, XVI).

Tais atitudes mostravam o quão impulsivo era Antônio, qualidade não valorizada pela aristocracia. César não queria ser reconhecido como rei, e assim fez entender ao rejeitar a coroa que Antônio insistia em lhe dar. Entretanto, Antônio mostrou com essa brincadeira a valorização que prestava aos costumes orientais, desprezando os valores tradicionais ligados aos *mos maiorum* e à manutenção da *Res Publica*. Antônio, não satisfeito com o papel que vinha desempenhando, se voltou contra alguns interesses de seus próprios partidários. Impediu a eleição de Dolabela como Cônsul e nada falou para César sobre a conspiração de Cássio e Bruto. A conspiração aconteceu, César morreu e Antônio se viu sem apoio:

Antônio foi Cônsul, mas ele também era de uma família importante, algo que ele repetiu diversas vezes em seus discursos. Ele esperava ser um dos líderes de Roma e ganhar magistraturas e honras. Porém, ele ainda precisava de dinheiro, pois o que tinha ganhado com a Guerra Civil havia acabado, e seu estilo de vida necessitava de um gasto despendioso (Goldsworthy, 2010, p. 220).

Primeiramente, tentou uma aliança com Cássio e Bruto, concedendo-lhes comandos de províncias e outras benesses. Entretanto, ao perceber que a opinião do povo era contrária aos assassinos, colocou-se prontamente em lugar de oposição. A única saída que percebeu ter foi a de se proclamar Vingador da morte de César. Assumir tal postura como aquele que vingaria os atos cometidos a outro não era algo incomum em Roma. Na verdade, o ato era legalizado e permitido a partir de algumas instâncias, como furto, mutilação de membros, entre outros crimes. Geralmente, os parentes ou pessoas próximas da vítima eram os que se posicionavam com o direito, e dever, de vingar a fatalidade ocorrida. No nosso caso, Antônio se colocou como Vingador de César assumindo que seu assassinato foi um atentado não somente particular, mas também uma ferida à tradição e à paz da *Res Publica*. Sendo assim, por direito, Antônio (e

posteriormente Otávio) se declarou como aquele que faria justiça ao então assassinado César, tendo a permissão do Senado para fazê-lo¹³.

Durante a caminhada fúnebre feita em honra do assassinado, Antônio manifestou o quão honrado este era em vida:

Mas a opinião que ele concebeu de si mesmo, depois de ter ouvido a voz do povo e sondado a sua vontade, com a esperança que prometia a si mesmo de que ele seria com certeza o primeiro homem do mundo, quando tivesse vencido a Bruto, afastou-lhe logo da mente estes primeiros discursos. No dia em que se levava o corpo para a sepultura, ele fez um elogio fúnebre em plena praça, exaltando a César, como era costume antigamente louvar os grandes personagens por ocasião de seus funerais. Vendo que o povo sentia com isso muita satisfação, e se exaltava, ouvindo falar de César e engrandecer os seus feitos, ele entremeou na sua oração palavras de comiseração e tocou em coisas que movem o coração à piedade e à compaixão, aumentando e exagerando os fatos. Quando chegou ao término do discurso, ele distendeu à vista do povo as vestes do falecido, ainda ensanguentadas e rasgadas pelos golpes de espada que ele tinha recebido, chamando àqueles que haviam praticado o crime de assassinos, de homens malditos e condenados. De tal modo então o povo se enfureceu, que tomaram o corpo de César e o queimaram na praça com os bancos e as mesas dos cambistas, que reuniram de todos os lados. Depois tomaram tições, quando o fogo estava alto e correram às casas dos que o haviam matado, para incendiá-las e obrigá-los a lutar. Por isso, Bruto e seus cúmplices, para garantir as suas vidas, foram obrigados a sair da cidade. Então os amigos de César foram ter com Antônio e sua mulher, confiando nele, fê-lo ir à sua casa e pôs em suas mãos grande parte do seu dinheiro, que podia elevar-se a quatro mil talentos, e tomou ainda todos os papéis de César, entre os quais estavam os registros e as memórias de tudo o que ele havia feito e determinado (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, XVIII).

Cássio e Bruto rapidamente fugiram de Roma em direção ao Oriente. Antônio se colocou, então, como poder máximo na capital, proclamando que suas ações apenas condiziam com as intenções de César. Leu seu testamento perante o Senado e se posicionou como cumpridor de tais diretrizes, ao mesmo tempo em que se tornara seu Vingador. Neste tempo conturbado, outra figura surgiu com maior força: Otávio. Filho da sobrinha de Júlio César, Otaviano foi adotado e educado pessoalmente por ele. Tratado como um filho, o favoritismo que César despendia a seu protegido não era segredo. Diferente de Marco Antônio que iniciou

¹³ Sobre o assunto: CANTARELLA, Eva. *Los Suplicios Capitales em Grecia y Roma*. Madrid: Akal, 1996. p.287-311.

suas atividades políticas depois dos vinte e cinco anos de idade, Otávio já acompanhava César em suas reuniões e obteve seu primeiro cargo aos dezenove anos¹⁴.

Vinte anos mais novo que Antônio, Otávio ganhava a confiança de boa parte do Senado e o apoio de homens como Cícero, um grande opositor de Marco. Após a morte de Júlio César, e a contragosto do seu padrasto Filipo, Otávio assumiu o nome de César, pois percebeu o quão legitimador isso seria para sua ascensão política. Assim como Antônio, também se proclamou um Vingador da morte de seu pai e, apenas com 19 anos, já representava um desafio a seu rival, mesmo que não diretamente.

A imagem que os documentos nos trazem de Otávio é oposta à de Antônio. Nascido para o sucesso, como mostra Suetônio (*Vida de Otávio César Augusto, A Vida dos Doze Césares*, II), Otávio se destacou desde muito novo. Pelos laços familiares sanguíneos e por sua adoção, este homem nos é apresentado como um exemplo de líder, tendo sido seu nascimento alertado por bons presságios e sonhos:

Augusto nasceu no décimo mês e passou, conseqüentemente, por filho de Apolo. Antes de dar à luz, Ácia sonhou que suas entranhas subiam para os astros e se desprendiam por toda a extensão da terra e do céu. O pai de Augusto, Otávio, também sonhou que o esplendor do sol saía do seio de Ácia. No dia em que ele nasceu, estava sendo discutida na Cúria a conspiração de Catilina, e uma vez que Otávio, em virtude do parto de sua mulher, tivesse chegado muito tarde, é fato notoriamente público que Públio Nígídio, quando soube da causa deste atraso, declarou que havia nascido um senhor para o Universo. Otávio, mais tarde, quando conduzia seu exército através das regiões longínquas da Trácia, consultou a respeito do seu filho, cumprindo no bosque sagrado do deus os ritos bárbaros. Recebeu dos sacerdotes a mesma resposta: assim que o vinho fora espalhado no altar dele jorrou uma chama tão grande que ultrapassou a cumeeira do templo, projetando-se no céu. Pois, semelhante prodígio não acontecera senão para Alexandre Magno, ao sacrificar-se nos mesmos altares. Na noite seguinte, acreditou ver seu filho de um tamanho sobre-humano, armado do raio e do cetro, revestido dos despojos de Júpiter Altíssimo e Boníssimo, como também coroado de esplendores em um carro que se apresentava ornado de loureiros, puxado por doze cavalos de uma imaculada brancura (Suetônio. *A Vida de Otávio César Augusto, A Vida dos Doze Césares*, II).

Dessa maneira, sendo digno de honra, Otávio desempenhou um papel decisivo na História Romana. Os autores citados apresentam Otávio como um ser quase perfeito. Outra fonte deve ser analisada pela sua singularidade no tratamento quanto às virtudes otavianas: as *Astronômicas* de Marco Manílio (século I d.C.). Por intermédio de um manual de saber

¹⁴ Entrou para a escola sacerdotal e ocupou o cargo de Áugure.

astrológico, Manílio discorreu sobre diversos temas a respeito da organização universal (posicionamento das estrelas, planetas, origem do universo, entre outros), entretanto sempre salientando a ligação entre todas as coisas a partir da noção estóica de harmonia universal. Esta ocorreria devido à inexorabilidade do universo, ou seja, à sua imutabilidade, fazendo com que este se comportasse como uma máquina, determinando as porções do bom e do ruim e mantendo o equilíbrio entre todas as coisas.

É neste universo que Manílio apresenta Otávio como o líder romano por excelência:

Para eles (povos estrangeiros) o céu não é menor nem pior em luz, nem menos numerosas nascem as constelações em seu orbe. Também não são inferiores quanto ao resto: são dominados por um único astro, Augusto, estrela que por sorte coube ao nosso orbe, o maior legislador agora na terra, depois no céu (Manílio. *Astronômicas*, I).

Otávio seria um governante tão bom que permitiu Manílio a narrar sobre esta difícil matéria que seria o universo:

A mim, ó César, da pátria primeiro homem e pai, tu que reges o mundo submisso às tuas augustas leis e que mereces, tu próprio como um deus, o céu concedido antes a teu pai, e me inspiras e fortaleces para cantar tamanhas coisas (Manílio. *Astronômicas*, I).

Dessa maneira, esta foi a imagem cunhada daquele que seria digno de governar Roma e restabelecê-la após as derradeiras Guerras Civis. Otávio, nesta obra, foi reconhecido como o mais qualificado para governar, sendo seu signo, Capricórnio, apenas mais um indício de confirmação: “Capricórnio, ao contrário, dirige seu olhar para si mesmo (qual outro, em efeito, poderia admirar mais importante, se foi ele quem brilhou com tão bom presságio no nascimento de Augusto)” (Manílio. *Astronômicas*, II).

A partir de tal excerto da obra, podemos definir que os três primeiros livros da obra maniliana (no total de cinco) foram escritos durante o Principado de Augusto. A expressão “o maior legislador agora na terra”, utilizada no Livro I, designa que este Imperador se encontrava vivo naquele período, e ainda a exaltação de seu signo se torna uma “propaganda”¹⁵ inerente à legitimação do poder imperial, já que apresenta Otávio como o líder, não só de Roma, mas de todo o mundo, um ser escolhido pelos astros.

¹⁵ “[...] o simples, mas importante, ato de organizar, selecionar e divulgar informações, usando de persuasão, síntese e de imagens que estão na memória dos receptores das mensagens” (GONÇALVES, 2002: 74).

Paul Zanker nos confirma a utilização que o próprio Otávio fazia de seu signo para legitimar sua posição perante o Senado e o povo romano:

A partir daquele instante teve confiança em seu destino e publicou seu horóscopo e, posteriormente, fez cunhar uma moeda de prata com seu signo zodiacal, Capricórnio. Em efeito, o signo de Capricórnio apareceu em moedas que os seguidores de Otávio levavam. Posteriormente, o signo zodiacal de seu nascimento apareceu nas outras moedas, tanto com o motivo de suas vitórias pacificadoras, para recordar que Augusto estava predestinado pelos astros à redenção do Estado. A partir do ano 30 a.C., o dia de seu nascimento foi celebrado oficialmente em Roma como um dia venturoso (Zanker, 2005, p.71).

A partir desta oposição de imagens, o palco estava arrumado e a disputa entre eles foi algo inevitável. Ambos queriam provar, assim como ocorreu no primeiro Triunvirato, que seriam melhores líderes. Antônio, de um lado, unia forças e exércitos mesmo não possuindo grande experiência nisso. Otávio, do outro, fazia o mesmo, porém cuidando também de suas alianças políticas. Utilizando-se de sua ligação com César, Otávio divinizou-o com o beneplácito do Senado e, com isso, se transformou em *filius divi*. Ambos começaram a formar imagens distintas perante o Senado. Antônio, um estranho ao seu próprio exército, não possuía o carisma necessário nas disputas políticas e punia demais seus comandados. Enquanto isso, Otávio se mostrava como um general clemente, que buscava a paz e a estabilidade da *Res Publica*. A diferença entre as lideranças foi tão clara que a Quarta legião e a legião Marcia desertaram do comando de Antônio e passaram para o lado de Otávio, segundo Dion Cássio (*História Romana*, 45.1-13).

Deixando as diferenças de lado, Otávio e Antônio se uniram contra inimigos em comum, ou seja, os assassinos de César. Aliando forças a Lépido, estabeleceram o segundo Triunvirato, apoiado e formalizado pela *Lex Titia*, um *senatus consultum* de 27 de novembro de 43 a.C. Plutarco confirma:

O domínio desses três personagens ficou sendo chamado Triunvirato, para muitas coisas odiosas e raiva dos romanos, mas disso dava-se a maior parte da censura a Antônio, pois ele era mais velho do que César, e mais poderoso do que Lépido, e porque voltara a viver dissoluta e luxuosamente, como antes, logo que se viu fora de suas incumbências: e além da má fama de que gozava por causa da sua intemperança, ele era ainda muito odiado por causa da residência onde morava, que tinha sido do grande Pompeu, personagem não menos estimado e afamado pela sua temperança e por sempre ter vivido honestamente e com simplicidade do que pelos seus triunfos (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, XXIV).

Sendo assim, Otávio e Antônio deixaram Lépido na Península Itálica e estabeleceram um confronto com Cássio e Bruto, na Macedônia. A batalha não foi fácil para nenhum dos lados:

Otávio, vendo que não havia mais dinheiro suficiente para Antônio, quis repartir as finanças com ele, e dividiram também o exército para irem ambos à Macedônia, fazer a guerra contra Bruto e Cássio e deixaram, no momento, o governo de Roma a Lépido. Depois de terem atravessado o mar, começaram a guerra, estando acampados perto do inimigo, isto é, Antônio contra Cássio e César contra Bruto, César nada conseguia; coisa diferente, porém, passava-se com Antônio que vencia sempre, e fazia tudo: na primeira batalha César foi derrotado por Bruto, e perdeu o campo, de modo que com dificuldade pode se salvar, fugindo rapidamente para escapar aos que o perseguiram. Todavia, ele escreve em seus Comentários, que ele se havia retirado antes que a carga tivesse começado, por uma visão que tivera em sonho um de seus familiares: Antônio derrotou Cássio, embora alguns tenham escrito que ele não estivera presente ao combate, mas lá chegou depois da derrota, quando seus homens já perseguiram o inimigo. Cássio foi morto por sua grande instância e pedido, por um de seus servos, um fiel homem de nome Píndaro, ao qual ele tinha dado liberdade, e isto, porque ele não fora advertido em tempo que Bruto tinha vencido, do seu lado. Poucos dias, combateram de novo e Bruto foi, então, derrotado e ele suicidou-se. Antônio teve a principal glória da vitória, considerando-se que, então, Otávio estava enfermo. Tendo encontrado o corpo de Bruto, disse algumas injúrias, reprovando-lhe a morte de seu irmão Caio que ele tinha feito morrer na Macedônia, como vingança pela cruel morte de Cícero, mas no entretanto ele disse que culpava mais a Hortênsio que a ele; e por isso fê-lo morrer sobre o túmulo de seu irmão. Ao contrário, lançou sua cota de armas sobre o corpo de Bruto, que era muito rica. Depois ele deu ordem a um de seus servos libertos que cuidasse da sua sepultura, tendo depois sabido que o servo não fizera queimar a cota de armas juntamente com o corpo, porque valia muito dinheiro, e que ele tinha desviado muito da soma destinada aos funerais e à sepultura, assim mandou matá-lo (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, XXV).

A não clemência de Antônio para com seus inimigos, que também eram romanos, causou grande desaprovação no Senado. Da batalha, o jovem César voltou com a fama inabalada, mesmo com as baixas que obteve, enquanto Antônio se mostrou desestruturado na concepção aristocrática. Mesmo que a batalha de Filipos tenha sido, em grande parte, vencida por Antônio, suas ações não condiziam com as de um bom líder. O Senado temia Antônio e encontrou em Otávio força para enfrentar o que considerava um mal para a *Res Publica*.

A desestabilidade entre os três era visível e mesmo delimitando territórios de comando (Otávio ficou com a Gália e se manteve na Itália, Lépido na África e Antônio nas províncias

orientais), os confrontos ocorreram. Lépido rapidamente foi “descartado” pelos outros dois¹⁶, o que gerou mais desgastes nesta relação já tão problemática. Além disso, para selar a aliança, Antônio se casou com Otávia, irmã de Otávio, e, como bem sabemos, não honrou tal compromisso.

Segundo os documentos textuais que mantinham uma imagem negativa de Antônio, ele se esbanjou nos deleites orientais. Vestiu-se com trajes luxuosos, comportou-se de forma orientalizante e até mesmo se associou com os deuses helênicos e egípcios. Plutarco narra sobre a acessibilidade que músicos e dançarinos tinham a casa de Antônio. Uma vez, em Éfeso, ele foi precedido por dançarinas vestidas de bacantes, devotas do culto ao deus do vinho Dioniso, assim como jovens e homens que se vestiam como sátiros. Seu comportamento era visto como inaceitável pelos mais tradicionalistas:

Na cidade de Éfeso as mulheres compareceram diante dele trajadas de sacerdotisas de Baco, os homens e as crianças, de faunos e de sátiros, e nada mais se via pela cidade senão heras e flechas enfeitadas de heras, saltérios, flautas e oboés. Em seus cânticos eles chamavam a Antônio de Baco, pai da alegria, doce e benigno; assim era ele para alguns, mas para a maior parte, era cruel e desumano; pois tirava os bens dos nobres e de homens de qualidade, para dá-los aos adutores e aos velhacos, os quais lhe pediam muitas vezes as riquezas daqueles que ainda viviam, como se eles tivessem morrido e introduziam-se à força em suas residências: ele deu a casa de um ancião da Magnésia a um cozinheiro, porque segundo dizem lhe tinha preparado um ótimo jantar (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, XXVII).

Antônio não escondeu suas amantes, fazendo da mãe de um dos herdeiros da Capadócia, Gáfila, uma delas. Em 41 a.C., ainda casado oficialmente com Fúlvia, Antônio solicitou a companhia de Cleópatra até Tarso, na Sicília, pois o Egito era a principal fonte de grãos e monetário do leste mediterrâneo, sendo imprescindível manter boas relações com este reino. Todavia, os dois acabaram se envolvendo amorosamente e gerando filhos gêmeos, Cleópatra Selene II e Alexandre Hélio. Cleópatra, com isso, garantiu a continuação de seu reinado e também a soberania perante o Oriente, pois seu filho com César, Cesário, se tornara o herdeiro do Egito.

O casal passou o inverno de 41-40 a.C. junto em Alexandria. Promoviam grandes banquetes, jogos de montaria, entre outras festividades ligadas à tradição macedônica. Antônio apenas deixou Cleópatra para enfrentar os partos que invadiram a Síria e, não fazendo segredo dessa relação, continuou a manchar ainda mais a sua reputação.

Mesmo assim, Otávio não declarou guerra ao seu colega de Triunvirato. Manteve a divisão do Império e celebrou a *concordia* por toda a Itália. Além disso, ambos ainda tinham um

¹⁶ Possivelmente pela associação e acordos que fez com Sexto Pompeu.

problema em comum que necessitava de uma solução rápida e definitiva: Sexto Pompeu. Enquanto Antônio enfrentava os partos sem obter resultado positivo, Otávio combateu Sexto Pompeu¹⁷. Tal batalha não foi fácil, porém o exército otaviano, comandado por Marco Vipsânio Agripa, derrotou a frota de Sexto Pompeu ao largo do cabo de [Náuloco](#), fazendo com que o inimigo fugisse. Ao chegar no Oriente, foi assassinado em um julgamento feito por Marco Tício, um homem do grupo de Marco Antônio. Tal execução não foi bem vista pelo Senado que, mais uma vez, desaprovou as condutas de Antônio e de seus subordinados.

Enquanto isso, Antônio aproveitava a companhia de Cleópatra, sendo este comportamento condenado por Otávio, como nos lembra Zanker (2005, p.81): “Depois de uma ruptura definitiva, as acusações contra Antônio chegaram ao seu nível mais baixo: diziam que o Oriente o degenerara, que era ímpio e afeminado, que estava constantemente embriagado por Cleópatra”. Dion Cássio nos mostra a imagem que Antônio apresentava para os leitores do III século d.C.:

Seu quartel militar chamado de palácio real. Levava um punhal oriental na cintura e se vestia de forma completamente diferente ao que era de costume em sua pátria. Em público, inclusive, se mostrava em um leito (como Dioniso) ou em um trono dourado (como um rei). Junto com Cleópatra se fez representar em pinturas e em estátuas como Osíris e Dioníso, e ela aparecia como Selene e Ísis (Dion Cássio. *História Romana*, 50.5).

Percebemos a partir da utilização desta fonte que a imagem de Antônio construída como inimigo público no século I a.C. perdurou até o século III d.C. Acolher o mau exemplo de Antônio também era importante, pois ensinava futuros líderes do que não deveriam fazer como detentores do Estado. Otávio, enquanto isso, continuou como um exemplo de excelente governante, contrastando sua imagem com a de seu rival e, com isso aumentando seu prestígio. O mau exemplo e o bom exemplo, respectivamente, eram necessários e, por isso, foram estabelecidos. A paz apenas poderia advir do confronto nas Guerras Civis entre homens de posição social semelhante e, para isso, um deveria representar as desventuras e desvios pelos quais Roma passava, já que a *pax deorum* havia sido quebrada.

Após o casamento com Otávia, Antônio não conseguiu manter a descrição de seu relacionamento amoroso com Cleópatra, engravidando-a pela terceira vez. Na tentativa de recuperar seu poder, Antônio obteve uma pequena vitória na Armênia e fez disso um grande acontecimento, comemorando um triunfo em Alexandria e vestindo-se como Dioniso. Mais uma

¹⁷ Filho de Pompeu, também se ligava ao grupo dos mais conservadores. Antes de entrarem no confronto armado, Otávio, Antônio e Sexto tentaram a diplomacia. Em [39 a.C.](#), os Triúnviros assinaram um armistício com Sexto conhecido como *Pacto de Messina*, que não durou muito tempo.

vez, os excessos de Antônio lhe arruinaram a imagem, pois um triunfo apenas poderia ser comemorado em Roma e seguindo preceitos estipulados pelo Senado. Além disso, Antônio dividiu as províncias entre seus filhos com Cleópatra, com a própria Cleópatra e com o filho dela e César, Cesário:

Pois mandou ele reunir todo o povo no parque, onde as crianças e os moços se exercitam em ginástica e jogos de educação física, e sobre uma tribuna coberta de prata, mandou colocar duas cadeiras de ouro, uma para ele, outra para Cleópatra, e outras mais abaixo para seus filhos: depois declarou publicamente diante de todos os presentes, que, por primeiro, ele criava Cleópatra, rainha do Egito, de Chipre, da Lídia e da baixa Síria, e igualmente Cesário, rei dos mesmos reinos. Este Cesário era considerado filho de Júlio César, que tinha deixado Cleópatra grávida. Em segundo lugar, aos seus filhos e dela, chamou de reis dos reis e deu como partilha a Alexandre, a Armênia, a Média e os partos, quando ele os tivesse subjogado e conquistado, e a Ptolomeu, a Fenícia, a Síria e a Cilícia. Depois fez aparecerem em público a Alexandre, trajando uma longa veste à maneira dos medos, com um chapéu alto e pontudo na cabeça, cuja extremidade era reta, como o usam os reis medas e armênios, e a Ptolomeu, coberto com um manto à Macedônia, com pantufas nos pés, e um chapéu largo cingido de uma faixa real, pois era assim que costumavam trajar os reis sucessores de Alexandre, o Grande. Assim, depois que seus filhos lhes prestaram homenagem, curvando-se diante dele e beijando o pai e a mãe, imediatamente uma tropa de guardas armênios, organizada apressadamente, cercou um, e uma tropa de macedônios, o outro. Cleópatra, porém, não somente então, mas sempre que saía em público, diante do povo, vestia-se de trajes sagrados, como a deusa Ísis, e dava audiência aos seus súditos, como uma nova Ísis (Plutarco. Vida de Marco Antônio, *Vidas Paralelas*, LXXI).

As notícias sobre o comportamento de Antônio chegaram a Roma e o Senado desaprovou tais condutas. A disputa entre ele e Otávio ficou ainda mais acirrada em 33 a.C., quando Antônio proclamou que Cesário era o verdadeiro herdeiro de César. Otávio reverteu a situação em propaganda positiva para si, mostrando o quão manipulado Antônio era por Cleópatra. Otávio se fazia presente em Roma, participava da vida pública e se colocava lado a lado com os demais Senadores. Enquanto isso, Antônio se distanciava cada vez mais, deixando sua imagem reconstruída pelo que era considerado excesso da cultura oriental em seu estilo de vida. O Senado não tinha voz perante Antônio, já que ele estava geograficamente longe demais, o que fazia de Otávio um melhor líder no momento.

Otávio obteve o *consensus*¹⁸ logo após a quebra do poder no Triunvirato, pois mostrou-se como um líder benevolente e sábio, buscando restabelecer a República. Através disto, sua autocracia foi reconhecida tanto pelas camadas populares quanto pelo Senado. Para conquistar a confiança do Senado e do povo romano, Otávio entregou a eles de forma cerimonial o controle da República, realizando, com isto, uma autopropaganda como líder e conquistando o apoio entre todas as camadas sociais do período. O *consensus* iniciou-se com a mudança de opinião a favor de Otávio em 32 a.C., através de uma comparação entre ele e Marco Antônio, já que ambos iniciaram campanhas para se mostrarem grandes líderes bélicos. Antônio associou sua imagem a Dioniso e aos refinamentos orientais, enquanto Otávio, mais prudente, se associou a própria deusa Roma e às tradições romanas e itálicas. A propaganda que Otávio empreendia era a mais aceita entre os romanos, pois se mostrava como um resgate da tradição. Já Antônio, devido à sua ligação estreita com o Egito, não despertava uma boa impressão para o Senado e por isso acabou por ferir a sensibilidade romana, ou seja, a repetitiva preocupação pela manutenção do *mos maiorum*.

Suetônio destaca que a relação entre estes dois Triúnviro sempre havia sido incerta:

Sempre foi duvidosa e incerta a sua aliança (de Otávio) com Marco Antônio, e diversas reconciliações serviram apenas para restabelecê-la. Enfim, rompeu-a na intenção de melhor provar que seu colega degenerara dos costumes nacionais, fez abrir e ler, em plena assembleia, o testamento que deixara em Roma e no qual figuravam, entre seus herdeiros, os próprios filhos que Antônio tivera com Cleópatra. Porém, após ter declarado inimigo público, demitiu todos os seus parentes e amigos, além de Caio Sósio e Cnéio Domicio, ainda Cônsules naquela época (Suetônio. *A Vida de Otávio César Augusto, A Vida dos Doze Césares*, V).

Como mostra Veléio Patérculo, um pela salvação e o outro pela destruição do mundo, respectivamente, Otávio e Antônio iniciaram um confronto bélico em Ácio (Veléio Patérculo. *História Romana*, II). A batalha foi dura, mas Otávio, novamente com o auxílio de Agripa, saiu vencedor, obrigando Cleópatra e Antônio a fugirem para Alexandria. Um ano depois, ambos cometeram suicídio com medo de Otávio que caminhou em direção ao Egito para reconquistar o território. Todos os filhos de Cleópatra foram assassinados e assim a paz e o fim da Guerra Civil foram instaurados.

A imagem que nos chegou de Marco Antônio foi a de inimigo da *Res Publica*, reiterada pelos documentos ao longo dos séculos. Acreditamos que esta representação tenha sido

¹⁸ O *consensus* operante desde 32 a.C. não deve ser entendido como algo já existente e produzido, independente da participação e da propaganda de Otávio, mas como um fenômeno encenado repetidas vezes (Lobur, 2008, p.35).

desenvolvida a partir da necessidade de legitimar o posicionamento de Otávio como bom líder romano. As fontes com as quais trabalhamos nos mostram o heroísmo de Otávio ao defender Roma de seu antagonista colega de Triunvirato. As qualidades do primeiro ganham mais destaque quando comparadas a de um homem de igual posição política tão diferente de si. A censura feita à imagem de Antônio não seria um veto e a busca de um esquecimento total de sua vida, mas uma reelaboração desta conforme a necessidade de exemplificar um bom governante, neste caso, Otávio. Dessa forma, Suetônio destaca:

Um senador propôs dar o nome de Augusto ao mês de setembro porque ele nascera e morrera neste mês. Outro, que todo o espaço de tempo transcorrido entre o seu nascimento e a sua morte recebesse o nome de “século de Augusto” e que assim fosse registrado nos fatos (Suetônio. *A Vida de Otávio César Augusto, A Vida dos Doze Césares*, VII).

Enquanto isto, Antônio, após sua morte, apenas recebeu a destruição de várias de suas estátuas, imagens e medalhas (Plutarco. *Vida de Marco Antônio, Vidas Paralelas*, CX), permanecendo na História Romana como um mau exemplo de vida social e política. Portanto, podemos perceber pelas citações de documentos textuais analisadas que a imagem de Marco Antônio permaneceu na tradição romana como a de um ser libidinoso, fanfarrão e ébrio, capaz de atos inclementes e impulsivos, que marcavam também seu comportamento público e militar. Em contraste com a imagem criada e recriada de Otávio, a de Antônio se estabeleceu sobre cânones negativos e foi inserida na memória e no imaginário político romano como um exemplo de inimigo da *Res Publica*.

BIBLIOGRAFIA

A) DOCUMENTOS TEXTUAIS

CÍCERO. *Philippics I-II*. Editado por John T. Ramsey. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DION CÁSSIO. *Roman History*. Tradução: Earnest Cary. Cambridge: 1916.

MARCO MANÍLIO. *Astrologia*. Introdução de Francisco Calero e Tradução de Francisco Calero e Maria José Echarte. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

_____. *Astronômicas*. Tradução: Marcelo V. Fernandes. São Paulo: USP, 2006

PLUTARCO. *Vidas paralelas: Marco Antônio*. Tradução do grego, introdução e notas de Marta Várzeas. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2010

SUETÔNIO. *Lives of the Caesars - Julius. Augustus. Tiberius. Gaius. Caligula*. Tradução: J. C. Rolfe. Harvard: LOEB, 1914

VELÉIO PATÉRCULO. *História Romana*. Tradução: Maria Asunción Sánchez Manzano. Madrid: GREDOS, 2001

B) OBRAS GERAIS

BALANDIER, G. *O Poder em Cena*. Brasília: Edunb, 1980.

CANTARELLA, Eva. *Los Suplicios Capitales em Grecia y Roma*. Madrid: Akal, 1996. p.287-311.

DARBO-PESCHANSKI, C. Les Citations Grecques et Romaines. In: _____. (dir.). *La Citation dans l'Antiquité*. Grenoble: Jérôme Millon, 2004. p.9-21.

FINLEY, M. I. La Censure dans l'Antiquité. *Revue Historique*. Paris, n.53, p.33-20, 1980.

FOX, M. Rhetoric and Literature at Rome. In: DOMINIK, W.; HALL, J. (eds.). *A Companion to Roman Rhetoric*. London: Wiley-Blackwell, 2010. p.369-381.

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Trinta e Quatro, 2006.

GIL, L. *Censura en el Mundo Antigo*. Madrid: Alianza, 1985.

GOLDSWORTHY, Adrian. *Antony and Cleopatra*. Londres: Phoenix, 2010.

GONGALVES, Ana Teresa M.. *Astrologia e poder: o caso de Marcus Manilius*. São Leopoldo: ANPUH, 2007.

_____. *A construção da imagem imperial: formas de propaganda nos governos de Septímio Severo e Caracala*. São Paulo: USP, 2002.

_____. Honra e Poder: o discurso de Marco Antônio após o assassinato de Júlio César na obra de Dion Cássio. In: *Literatura, Poder e Imaginários Sociais no Mediterrâneo Antigo*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, pp. 101-112, 2010.

GOWING, A. M. *Empire and Memory: the Representation of the Roman Republic in Imperial Culture*. Cambridge: University Press, 2005.

LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. *O que é Imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LOBUR, J. A.. *Consensus, Concordia, and the Formation of Roman Imperial Ideology. Studies in Classics*. New York/London: Routledge, 2008.

SALLES, C. *Lire à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 2008.

STARR, R. J. The Circulation of Literary Texts in the Roman World. *Classical Quarterly*. Oxford, v.37, n.1, p.213-223, 1987.

TIMPE, D. Memoria and Historiography in Rome. In: MARINCOLA, J. (ed.). *Greek and Roman Historiography*. Oxford: University Press, 2011. p.150-174.

VOVELLE, M. *Imagens e Imaginário na História*. São Paulo: Ática, 1997.

WEBB, R. *Ekphrasis, Imagination and Persuasion in Ancient Rhetorical Theory and Practice*. Surrey: Ashgate, 2009.

ZANKER, Paul. *Augusto y el poder de las imágenes*. Tradução: Pablo Diener Ojeda. Madrid: Alianza, 2005.